

Brasil não atrasa juros e Milliet só chega hoje

Nova Iorque — O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, chega apenas hoje a esta cidade para o reinício das negociações da dívida externa brasileira. Problemas no vôo da Varig para os Estados Unidos não deixaram o Brasil começar oficialmente as negociações ontem. Mesmo assim o Governo brasileiro depositou, conforme combinado, cerca de US\$ 167 milhões de juros da dívida de médio e longo prazo correspondentes aos US\$ 500 milhões do último trimestre de 1987.

Todavia já começam a haver discordâncias entre banqueiros credores e o Brasil acerca dos juros da dívida de médio e longo prazo a serem pagas a partir deste mês. Pelo acordo acertado pelo ex negociador da dívida, Fernão Bracher, havia uma cláusula de interpretação dupla onde o Brasil deveria pagar juros de janeiro até o próximo dia 15. Já na interpretação do Governo brasileiro, os juros só seriam pagos em caso de um acordo para o triênio 87/89 que englobasse US\$ 11,5 bilhões em refinanciamentos de juros. Sem acordo o Brasil estaria livre de

pagar estes juros e continuaria em moratória.

Mesmo sem a presença dos negociadores brasileiros, o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira se reuniu a partir das 10h30 para avaliar um relatório do subcomitê dos bancos credores que retornou do Brasil neste fim de semana. A tarde o diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, se reuniu preliminarmente com os banqueiros mas a reunião principal ficou para hoje com o presidente do Banco Central.

Ao entrar para a reunião pela manhã os banqueiros estavam otimistas quanto a um acordo mas poucos acreditam que o Brasil vá ao FMI. «É uma boa novidade. Mas o Sarney não quer ir ao Fundo. Ele não pode ir ao Fundo. Pois o FMI adotaria um programa de cortes de gastos públicos que vai de encontro ao interesse do Presidente, de fazer a ferrovia Norte-Sul, por exemplo. O Mailson quer um acordo mas no fundo o Presidente não quer pois sabe que o FMI vai cortar os gastos públicos do Brasil inclusive altos

salários nas estatais», disse um banqueiro americano, à agência **Globo**, antes da reunião.

Fontes bancárias divulgaram à agência **Globo** que o «Brasil está pagando **spreads**, taxas de risco de 2% acima da libor na dívida de curto prazo devido ao alto risco do País e da moratória que ainda não foi suspensa totalmente. Só de comissão os banqueiros vão receber 3% nesta rodada de negociações».

Até o dia 15 de janeiro, o Brasil, pelo acordo provisório, teria que desembolsar mais US\$ 455 milhões da dívida de médio e longo prazo que vence este mês. Ao longo de 1988 a conta de juros da dívida de curto, médio e longo prazo deverão custar ao País, segundo um banqueiro americano, cerca de US\$ 8,3 bilhões. A questão que os banqueiros esperam ver respondida na reunião de hoje pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, é quanto o Brasil vai necessitar dos bancos para pagar esta conta que será praticamente todo o saldo comercial do País previsto para este ano.